

SAÚDE Fibra mineral, também conhecida como asbesto, já foi banida em 15 países; no Brasil, riscos são pouco conhecidos

Efeito nocivo do amianto volta a ser debatido

Editoria de Arte/Folha Imagem

Prós e contras do amianto

Onde fica a Mina Cana Brava

O que dizem os defensores

O amianto branco (crisotila) é menos perigoso que o amianto azul (anfíbólio), por conter magnésio e não ferro, o que facilitaria sua absorção pelos pulmões

O limite legal de duas fibras por cm³ vigente no Brasil é suficiente para impedir alterações pulmonares

O "uso controlado" determinado pela legislação faz com que muitas empresas trabalhem bem abaixo desse limite, na faixa de 0,3 a 0,7 fibras por cm³

Cerca de 90% do amianto se destina a fibrocimento (telhas e caixas d'água), cuja fabricação usa massa molhada, o que impede desprendimento de fibras

As epidemias de doenças pulmonares são fruto de abusos do passado, quando o amianto azul era usado de forma descontrolada, em geral por jateamento

A proibição do amianto não tem base científica e está sendo questionada na Organização Mundial do Comércio (OMC) pelo Canadá e Brasil. Substituição determinada pela agência ambiental americana EPA foi derrubada na Justiça

Não se conhecem os efeitos sobre a saúde de fibras alternativas (aramida, PVA, vidro, cerâmica). Também podem ser cancerígenas

Não existe alternativa economicamente viável para o fibrocimento utilizado na construção popular, que faz o custo do m² de telha cair pela metade, a R\$ 2,80

O que dizem os adversários

Até 500 mil pessoas poderão morrer na Europa, antes do ano 2030, de doenças relacionadas com amianto. Como 98% do consumo mundial é hoje de amianto branco, não se pode atribuir todo o problema ao amianto azul

Nos Estados Unidos o limite é 20 vezes menor, de 0,1 fibra por cm³

O uso controlado só vigora na mineração e nas grandes empresas. Na construção civil e fábricas de fundo de quintal, é uma ficção

Problema não está na fabricação, mas no uso. O operário que serra telhas está diretamente exposto ao pó perigoso

Grandes produtores e transformadores do amianto estão transferindo seu emprego para países em desenvolvimento como o Brasil, em que a legislação é mais branda. Pode ser o início de uma nova epidemia

Pesquisas comprovam que o amianto branco também é cancerígeno. Há 15 países que proibiram ou restringiram o uso do amianto, entre eles França e Itália

É preciso intensificar o estudo das outras fibras e banir o uso daquelas que também forem cancerígenas ou provocarem outros danos à saúde

A multinacional St. Gobain já converteu fábricas de fibrocimento do amianto para fibra de vidro. Na Costa Rica, testa-se o uso de fibras vegetais

Fontes: Eternit/Sama; Abra/Associação Brasileira do Amianto; Diogo Pupo Nogueira; Fernanda Giannasi/Ban Asbestos Network

MARCELO LEITE
enviado especial a Minaçu (GO)

Quase todo brasileiro já teve contato com amianto, presente em telhas e caixas d'água. Suas fibras podem causar câncer, quando aspiradas pelo pulmão. Enquanto na França um industrial é indiciado por envenenar seus operários, no Brasil o assunto não chega a empolgar o público.

Empresários do setor dizem que a reação francesa é irracional. A acusação criminal contra Claude Chopin, diretor da empresa Amisol (fechada em 74), há duas semanas, seria só para aplacar um público traumatizado com os escândalos do sangue contaminado e da doença da vaca louca.

"O tempo e a ciência estão a nosso favor", diz Antonio Luiz Aulicino, presidente da Eternit, grupo que inclui a maior mina de amianto do país, em Goiás.

A Eternit e o governo brasileiro apóiam contestação do Canadá na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra a proibição do amianto na França, baixada em 97. Há 15 países que optaram pelo banimento, na maioria europeus.

O argumento para questionar a decisão francesa é que não há prova científica a sustentá-la. Ao banir todo e qualquer tipo de amianto, a França estaria prejudicando formas mais benignas do mineral, como o do tipo crisotila (branco) explorado no Brasil.

As milhares de mortes associadas com amianto, em países industrializados, nada teriam a ver com o crisotila e o tipo de uso — "controlado" — que se faz no Brasil,

afirmam seus defensores.

Por suas características físicas e químicas, o crisotila seria mais facilmente absorvido pelo organismo que o anfíbólio (amianto azul). Com isso, teria menos chances de provocar doenças como placas pleurais, asbestose e mesotelioma.

Além disso, o risco maior com amianto não atinge a população em geral. Fibras ingeridas com a água, por exemplo, não têm o efeito daquelas aspiradas com o ar.

A fabricação de telhas e caixas d'água também não seria perigosa, porque os operários manipulam massa molhada, com pouco pó.

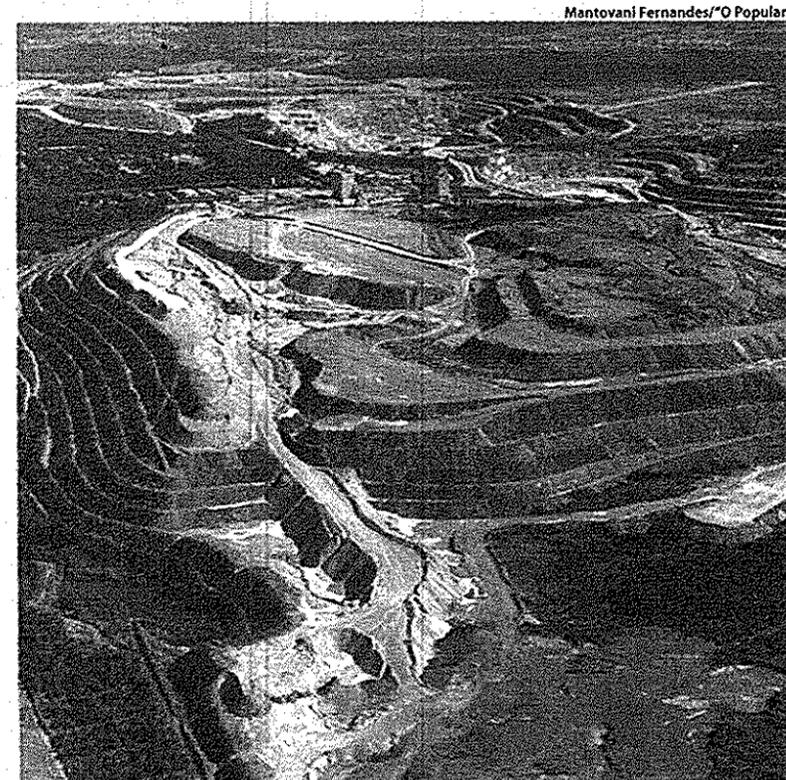
Na mina de amianto Cana Brava, em Minaçu (GO), também não há grande problema. Trabalha-se ali com concentrações de poeira inferiores a 0,7 fibra por cm³, mais perto do limite legal dos EUA (0,1 f/cm³) do que do brasileiro, 20 vezes maior (2 f/cm³).

O grande nó está na indústria de autopeças (freios e fricção) e têxtil. Nessas fábricas mais numerosas e tradicionais, muitas de fundo de quintal, funcionários estariam sendo expostos a níveis perigosos de poeira de amianto.

Condições semelhantes vigoram na construção civil. Não é comum, de fato, observar operários usando máscaras ao serrar telhas e canos de amianto.

Esses trabalhadores estariam enfrentando condições semelhantes às do tempo em que se desconhecia o potencial cancerígeno do amianto.

Entre 885 ex-funcionários da Eternit examinados pela Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (Abrea), em Osasco, fo-



Mina onde é feita extração de amianto no município de Minaçu (GO)

ram constatados 88 casos de asbestose e 165 de placas pleurais. Mais da metade dos examinados, segundo a associação, apresentou algum tipo de doença pulmonar.

"Não há limite seguro para cancerígenos, tem de evitar a exposição", diz Fernanda Giannasi, fiscal do Ministério do Trabalho e famosa defensora do banimento do amianto. "Pela força que têm, (as indústrias) conseguiram criar limite de tolerância, um absurdo."

"Por prudência e prevenção, deve-se tomar cuidado para dizer que não produz câncer. É uma

questão basicamente científica, mas não resolvida", diz o médico Diogo Pupo Nogueira.

Professor aposentado da USP, ele descreveu o primeiro caso de asbestose na literatura médica brasileira. Não acredita em "uso controlado" do amianto: "É coisa mais ou menos utópica".

Em apoio a sua desconfiança, cita estudo recente da Fiocruz que descobriu cinco casos de asbestose em operárias de uma indústria têxtil que usa o crisotila.

O jornalista Marcelo Leite viajou a Minaçu a convite do Grupo Eternit